

O papel social das roupas infantis para um controle disciplinador na década de 1930

Douglas Josiel Voks (UDESC)

Introdução

A *Revista da Semana* foi uma publicação que podemos chamar de ilustrada, isso porque em suas páginas se privilegiaram as imagens, em especial as fotografias. Esse formato de revista foi um modelo muito típico e de sucesso durante as primeiras décadas do século XX que, além de trazer iconografias, deixava de lado o formato de literatura muito comum nos periódicos de até então. Com isso, aproxima-se mais dos grupos sociais que não possuíam uma grande erudição, mas que com o início da República passam a consumir as revistas ilustradas.

Muito se discute sobre o ano exato em que surge a revista. Alguns autores inferem em 1900, tal como Nelson W. Sodré (1999) ou 1901, como Dulcília Buitoni (1990). O fato é que o periódico surgiu em um período de emergentes transformações sociais e culturais. Isso porque, nesse início de século, vários visitantes estrangeiros comentavam as transformações espaciais e urbanas ocorridas nas principais capitais brasileiras. Para diversos autores, como Ana Beatriz Barel (2002) e Jeffrey Needell (1993), esse processo de transformações ocorrido nas primeiras décadas do século XX, que foi o auge da *Belle Époque* brasileira, não se deu de um dia para o outro. Foi um longo processo de transformações materiais e, principalmente, no modo de agir e pensar, que se iniciou desde a vinda da família real, mas que já nas primeiras décadas da República vai atingir o seu ponto máximo. A instituição da República inaugurou um período onde mais do que nunca se almejava transformar a sociedade, incorporando diversos moldes culturais e comportamentais europeus, iniciando-se um processo que Nicolau Sevcenko (1995) denominou de “aburguesamento” e que iria modificar a paisagem urbana, as relações sociais e a vida privada.

A implantação de uma nova ordem – a ordem burguesa – fez com que uma parcela significativa da elite carioca tenha tido sonhos e desejos de transformações sociais, as quais se iniciaram com o intenso processo de reestruturação urbana no famoso “bota a baixo” de Pereira Passos. Para além dessa tentativa de cosmopolitização, se iniciou um intenso processo de transformações sociais, as quais iam desde novos comportamentos dentro da família, que passava a seguir os padrões da família nuclear burguesa, e novas sociabilizações nos espaços públicos. Nesse sentido, pretendia-se acima de tudo transformar os indivíduos, para que esses fossem adequados a uma lógica comportamental, a qual se iniciava desde a infância, pois nesse período passou a reinar a ideia de que a regeneração nacional se daria por meio de ações voltadas para as crianças.

Junto dessas mudanças ocorridas com o advento da República e incorporação de diversos modelos comportamentais europeus, chega ao Brasil uma nova noção de infância, uma noção burguesa que coloca as crianças no centro da família, que segundo Michelle Perrot é uma posição que se constitui como objeto de todo tipo de investimento: afetivo, econômico e educativo. No entanto, esse investimento não visava necessariamente à criança em sua singularidade e interesse próprio, mas sim aos interesses da coletividade, a família em primeiro lugar, seguindo-se da nação (1999, p. 148).

Essas mudanças comportamentais são seguidas também por uma nova concepção de família que se afasta do modelo patriarcal tradicional para uma composição tipicamente burguesa, na qual o homem continuava estabelecendo uma relação de poder e dominação, mas com novos valores. Essa nova organização, que deu espaço para as crianças, acabou por transformar as concepções das “idades da vida” (ARIÉS, 1998). Gilberto Freyre indica que na sociedade patriarcal do Império “o menino com vergonha da meninice deixava-se amadurecer, morbidamente, antes do tempo, e tratava de esconder todo o brilho da mocidade, toda a alegria da adolescência” (1985, p.67). Na sociedade patriarcal não havia roupas específicas para crianças, porém isso muda com o modelo burguês no qual a distinção entre classes, gênero e faixa etária se dava, dentre várias formas, pelas roupas.

Dessa forma, esse trabalho objetiva analisar o processo aburguesamento e instituição de novos valores no âmbito da família através de hábitos e estilos, que se refletem nos cuidados com as crianças. É a partir desse cuidado que surgem representações para distinguir através da aparência e da moda esse modelo burguês, enquadrando desde a infância esses indivíduos em um modelo ideal de comportamentos.

Essa análise se dará a partir das representações imagéticas impressas na *Revista da Semana* na década de 1930, as quais buscavam concretizar esse projeto burguês. A escolha dessas fontes se deu pelo fato de que utilizar revistas na pesquisa histórica possibilita um conjunto de fontes diversificadas, já que nesses meios de comunicação impressos encontramos diversas representações e discursos que ajudam a compreender as relações sociais do período estudado. Isso porque, segundo Nucia de Oliveira, as revistas, ao colocarem determinados textos e imagens em destaque, estão evidenciando alguns dos modelos da sociedade na qual estão inseridas, e também elas próprias são produto (2007, p. 298).

Nessa perspectiva, ao utilizarmos a *Revista da Semana* como uma representação, podemos nos valer do conceito de representação de Roger Chartier. Para o autor esse conceito deve ser entendido como um “instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituí-lo em memória e de figurá-lo como ele é” (1990, p.20). As representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses de um grupo que as forja; desta forma, a investigação sobre essas representações supõe-nas como estando sempre em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (Ibid, p. 17).

Ilustrando um novo indivíduo: a infância burguesa

A imprensa periódica desde o início do século XX teve grande crescimento. Sodré (1977) afirma que nesse período ela passa a assumir o papel de formadora de opinião pública, e isso pode ser notado no forte cunho crítico sobre problemas sociais, econômicos e políticos impressos nas principais revistas ilustradas, como

Careta, *Fon-Fon*, *Revista da Semana* e *O Malho*. Nesse sentido, os periódicos se firmavam como um espaço de debates e formação ideológica, tendo o universo infantil e da família um grande destaque por conta das ações de valorização governamental voltadas para as mulheres, já que se entendia que o cuidado com as crianças e manutenção simbólica da família era um dever das mulheres. Por isso, tanto a *Revista da Semana*, quanto outros periódicos falavam para as mulheres de poder aquisitivo alto ou médio quando o assunto era as crianças, abordando sempre a infância em seu meio social, e poucas vezes abordando as infâncias pobres.

As discussões sobre a infância no Brasil ganharam significativa visibilidade com o início da República. Nesse contexto estão inseridas as ideias eugênicas que buscavam superar a composição de um país dominado por mestiços, os quais segundo as teorias europeias eram considerados “degenerados”. Havia um consenso entre a elite brasileira de que o Brasil era uma nação doente. Abrindo-se assim, o campo para o desenvolvimento da medicina social, que tinha por intenção esquadrihar os indivíduos em corpos dóceis (OLIVEIRA, 2004, p. 121).

Dessa forma, a infância foi levada para o centro das discussões, pois na tentativa de criar uma nova sociedade, as crianças ganharam um novo olhar e sentido. Surgindo a preocupação com alimentação, brinquedos, tratamento diferenciado, desenvolvimento físico e moral. Seria a infância o pilar dessa sociedade disciplinar, uma sociedade sadia e burguesa (OLIVEIRA, 2004, p. 121).

Nessa sociedade idealizada, na qual a criança seria o pilar do futuro, não haveria espaço para as infâncias pobres, pois construiu-se historicamente uma imagem de que as crianças e adolescentes pobres eram um problema do presente e do futuro. Segundo Ivonete Pereira (2009, p. 52) junto dessas ideias eugênicas surgiu uma construção do pobre como um sujeito que deveria ser disciplinado, e no centro dessa discussão destacava-se a população infanto-juvenil, pois acreditava-se que disciplinando e treinando as crianças, essas poderiam ser a mola mestra do progresso da nação.

Assim, para a elite intelectual e política do país tornou-se fundamental o controle da pobreza através do saber médico-higienista, bem como a imposição de normas burguesas para às camadas populares. Desta forma, a infância a ser seguida deveria ser aquela saudável, composta por crianças rosadas, gordinhas e

sorridentes, criando-se em oposição a representação da criança doente, ou seja, aquela que não se encaixava nessas características de saúde (PEREIRA, 2009, p. 53). Por isso que não encontramos representações de infâncias pobres na *Revista da Semana*, pois está estava associada à doença, não apenas física, mas moral também.

Todas as ilustrações que representam as crianças e também infâncias saudáveis impressas pela *Revista da Semana* podem ser consideradas como um meio de construir e divulgar esse modelo idealizado e a ser seguido, no qual encontramos essas crianças robustas, bonitas, alegres e brancas. Olga Brites aponta que esses atributos são recorrentes para projetar o futuro desejado, uma família que seria estruturada dentro do modelo burguês (2000, p.163).

Para Olga Brites a produção de imagens sobre as infâncias obedecia a um ritmo específico de elaboração e difusão na imprensa periódica, criando ou retomando conteúdos para a formação de uma infância desejável (2000, p.163). Na *Revista da Semana*, essa periodicidade se faz presente também, isso porque percebemos a existência de uma coluna específica para as crianças durante toda a década de 1930. Essas representações se davam por um conjunto bem variado de linguagem – textos, fotografias, ilustrações ou propagandas – possibilitando a construção social desses modelos por várias formas de leitura.



Revista da Semana -11 de Junho de 1932
(Seção dedicada às crianças)

Na imagem acima, temos um exemplo desse espaço dedicado às crianças na *Revista da Semana*, e notamos também que as páginas seguintes são dedicadas às mulheres, ficando clara essa relação da infância e cuidados associados ao papel feminino. Nesse espaço encontramos principalmente formas e conselhos de como as crianças deveriam se vestir ou os cuidados com a sua saúde, sendo muito recorrente também o aparecimento de propagandas voltadas para esse público infantil.

Na imagem acima percebemos também, que essas roupas são compostas por babados, pregas e as vezes até mais que uma camada de tecido, isso implica em um maior cuidado e higiene com a roupa, demonstrando assim que essa era uma infância burguesa - uma infância limpa que merecia um cuidado especial.

Junto dessa coluna encontramos diversos moldes para costura de roupas para o segmento infantil, dando o passo a passo para a confecção. Segundo Olga Brites, costurar era desaconselhável apenas em alguns momentos da gravidez, levando-se em consideração o cuidado com a saúde da mãe e da criança, sendo que a costura era uma atividade específica para as mulheres, inclusive as das camadas médias (2000, p. 176).



1. Revista da Semana – 10 de Fevereiro de 1934 (Moda Infantil para o carnaval)
2. Revista da Semana – 11 de Janeiro de 1930 ((Moda Infantil para passeios públicos)
3. Revista da Semana – 9 de Abril de 1939 (Moda Infantil para sports)

Conforme as imagens acima (figura 2 e 3), identificamos certa simplicidade em alguns momentos, mas sem nunca deixar de lado o bom gosto para as roupas definidas para cada ocasião específica de sociabilizações. Esse “**bom gosto**” que era definido a partir dos preceitos burgueses de beleza, associado à ideia de roupas apropriadas para cada evento social, era definido não só a partir da visão da revista, mas era baseado no que se estava usando na sociedade e, principalmente, o que se considerava bonito e elegante nas principais cidades europeias.

Na imagem 2 as roupas são recomendadas para passeios públicos, e é possível notar também que a criança do canto esquerdo está segurando um brinquedo, isso demonstra o poder de consumo e uma infância num padrão social de privilégios. Já na imagem 3 o que temos são dicas de roupas para a prática de esportes, e essas dicas eram geralmente voltadas para as crianças do sexo feminino, o que nos mostra que, nesse período, a preocupação com as vestimentas masculinas ainda não era tão forte. Além disto, essa recomendação de roupas para os esportes denota também a preocupação com o cuidado do corpo e da saúde.

Encontramos também as sociabilizações infantis para o carnaval (figura 1), nas quais se indicavam algumas fantasias tidas como elegantes e apropriadas para as festas de carnaval infanto-juvenil, sendo que todas as fantasias remetiam ao próprio universo infantil, tendo toda uma abordagem lúdica para esse momento. Desta feita, percebemos que essas crianças tinham uma identidade social específica conforme a sua classe social e sua idade.

A infância nesse período passou a ser tratada de forma específica também, pois desenvolveu uma noção de diferenciação entre crianças e adultos. Roupas e maneiras adequadas, jogos, brincadeiras e outras atividades passaram a ser elementos marcantes no universo infantil, elementos esses que demarcavam essa fase da vida (DEBERT, 2010, p. 58). Segundo Norbert Elias (1990) a modernidade teria aumentado a distância entre adultos e crianças, e isso não se deu apenas por se considerar a infância uma fase de dependência, mas também foi um processo de transformar o adulto em um ser independente, com direitos e deveres de cidadania.

Através dessas imagens que foram retiradas da coluna dedicada às crianças, percebemos que tipo de infância é construído pela *Revista da Semana*. Por meio de roupas e adereços, fica evidente que essa infância é tipicamente burguesa, na qual cada momento específico de sociabilizações requer um determinado modo de se vestir. Essas roupas refletem o universo burguês se instalando no universo das crianças. As roupas mais elegantes, como as de primeira comunhão (exemplo da imagem 2, abaixo), compostos de um vestido mais longo semelhante às roupas nupciais, terno ou fraque para os meninos, remetem o universo infantil ao mundo adulto, já que a elegância passa a ser fundamental para esses sujeitos.



1. Revista da Semana – 14 de Fevereiro de 1931 (Moda Infantil para sociabilizações)
2. Revista da Semana – 2 de Agosto de 1930 (Moda Infantil para primeira comunhão)
3. Revista da Semana – 30 de Setembro de 1933 (Moda Infantil para a praia)

Essas imagens de crianças não combinavam muito com os índices de mortalidade infantil. São imagens que não representam uma totalidade, mas sonhos e desejos de uma parcela da elite brasileira que desejava higienizar, civilizar e consolidar um modelo burguês. Essa visão de infância difundida pela *Revista da Semana*, que está dentro de um modelo de família burguesa, era algo que se desejava para o Brasil e por isso era apresentado como um modelo a ser seguido. No entanto, essas imagens fazem parecer que não existia um oposto, já que as infâncias pobres não eram representadas pela revista, esses problemas em torno das camadas populares pareciam ser algo muito distante e afastado do Brasil. Desta forma, a infância era pensada como uma forma de projetar um futuro desejável, que não poderia se confundir com a realidade do presente.

Essa família burguesa e, por conseguinte, uma infância saudável e burguesa deveria passar por um projeto de educação que se iniciava já na infância. Desde cedo as crianças deveriam se encaixar nos moldes desejados pela sociedade. As sociabilizações e práticas no universo infantil podem ser vistas como um ensaio para a verdadeira entrada em um universo burguês repleto de convenções e hábitos específicos.

Essa forma de organização social que age diretamente sobre os corpos pode ser compreendida como um poder disciplinar e um poder biopolítico. Para Foucault

(2002), o poder disciplinar busca tornar os corpos dóceis, e através de mecanismos específicos como escolas e hospitais, por exemplo, exerce a dominação através dos exercícios de adestramento que impõem uma forma correta de se comportar (p.122). Junto com esse poder disciplinador nasce no corpo humano um mecanismo que o torna mais obediente. Forma-se uma política das coerções sobre o corpo, uma manipulação de seus elementos, gestos e comportamentos (ALBUQUERQUE, 1995, pp, 105-106). O corpo humano entra em uma maquinaria de poder que o esquadriha, o articula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também uma “mecânica de poder”, essa anatomia estabelece como se pode ter poder sobre o corpo dos outros, isso não apenas para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer (FOUCAULT, 2002, p. 122).

Norbet Elias (2005) aponta que a mudança no padrão de comportamento e das emoções também é uma forma de poder. Para o autor, o poder não é externo aos indivíduos, pois depende deste para ser exercido, assim, para existir poder é necessário existir um referencial a partir do qual ele será exercido. Nesse caso da sociabilizações das infâncias, esse poder é exercido através de vários mecanismos, mas principalmente pela própria norma burguesa em um processo de autocontrole dos indivíduos.

O poder disciplinar é o fundamento para um processo de normalização social, o qual está ligado diretamente ao desenvolvimento do capitalismo e da sociedade burguesa, sendo que essa forma de poder se caracteriza por uma técnica positiva de intervenção e controle social baseada na norma, qualificando e corrigindo os indivíduos (MISKOLCI, 2005, p. 13). Para Foucault, os transgressores devem ser classificados e corrigidos.

“Enfim, vê-se que não se trata de uma demarcação definitiva de uma parte da população. Trata-se do exame perpétuo de um campo de regularidade no interior do qual julgar-se-á sem trégua cada indivíduo para saber se ele é conforme a regra, a norma de saúde definida” (Foucault, 1999, p.43).

Esse controle que é denominado como normalização só alcançou seus objetivos através do desenvolvimento desse biopoder, que se compõe de um conjunto de práticas e discursos que constituem a sociedade burguesa através do

foco nos corpos e na vida. A família burguesa foi fundamental para a consolidação do biopoder, pois ela própria se constitui como um instrumento de controle social e regulação (MISKOLCI, 2005, p. 13). Para Elias, o poder sempre se inscreve em relação aos outros, operando no cotidiano, através da etiqueta, nas formas de se comportar na mesa, na cama ou em relação ao uso do corpo. Na norma burguesa, os hábitos e comportamentos são fundamentais para a distinção, tanto na forma de se vestir quanto de se portar. E foi através dessas normas e costumes que se construíram fronteiras de comportamentos, e aquele que não seguia essa norma transgredia essa fronteira e se tornava um desviante comportamental.

Conclusão

Olga Brites, em suas análises sobre as imagens da infância nas décadas de 1930 a 1950, aponta que estudar historicamente imagens da infância significa discutir concepções de tempo histórico que cada sociedade tem, e como ela pretende planejar o seu futuro. Através dessa análise percebemos também como a sociedade idealiza determinados padrões de perfeição para si mesma, percebendo a infância não como um outro tipo de adulto e sim uma parte que a eles se liga permanentemente, tanto pelos laços de parentesco, como em um plano coletivo, pelos compromissos entre as gerações (1999, p. 259). Nesse sentido, através das crianças podemos perceber o que a sociedade almeja, sendo a infância uma forma de representação social idealizada por essa sociedade.

Dentro dessa sociedade cercada por relações de poder que vão traçando determinados comportamentos e formas de agir e se portar socialmente, a infância passa a ter grande destaque e importância, isso por que é na infância que começa esse processo de enquadramento do indivíduo. A infância burguesa se destaca principalmente pela forma de se vestir, as roupas para cada momento que se transforma em um evento social cheio de práticas e hábitos a serem seguidos, e isso demonstra como os indivíduos desejam se diferenciar dos demais e impor uma forma elegante de ser. Forma essa que, mesmo sendo utilizada como algo para se diferenciar, deveria ser seguida e era prescrita como a única e legítima.

Referências

- ALBUQUERQUE, José A. Guilhon. Michel Foucault e a teoria do poder. *Tempo Social*. São Paulo, vol. 7, p. 105-110, Out.1995.
- ARAÚJO, Maria Fátima. Família, modernização capitalista e democracia: retomando alguns marcos do antigo debate sobre as transformações da família no Brasil. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 180-198, jan/jun. 2011.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1981.
- BAREL, Ana Beatriz. *Um romantismo a oeste: modelo francês, identidade nacional*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BRITES, Olga. Imagens da Infância: São Paulo e Rio de Janeiro (1930/1950). *Projeto História*, São Paulo, p. 251-263, 1999.
- _____. Crianças de Revistas (1930/1950). *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.26, n.1, p. 161-176, 2000.
- BITONI, Dulcília S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Summus, 2009.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- DA MATTA, Roberto. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, Ângela (Org.). *Pensando a família no Brasil: da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- DEBERT, Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p 49-70, jul/dez. 2010.
- D' INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 1.º tomo 7. Rio de Janeiro: José Olympio, Instituto Nacional do Livro, 1985.
- GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In. CHARTIER, R. (Org). *História da Vida Privada: da renascença ao século das Luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. Universidade de São Paulo, 2007. Tese.
- MISKOLCI, Richard. Do desvio às diferenças. *Revista Teoria e Pesquisa*. São Paulo, Jul/Dez 2005. Disponível em: <http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/43/36> Acesso em 25 jan. 2013.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. A beleza que se compra... O gênero que se constrói: uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1980). In: BERETA, S; ASSIS, G; KAMITA, A (Org) *Gênero em Movimento: Novos Olhares, Muitos Lugares*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

OLIVEIRA, Leila de Andrade. Infância pobre no Brasil: a importância dos discursos psicológicos nas instituições para menores. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 0, p. 120-130, 2004.

PEREIRA, Ivonete. A eugenia no Brasil: trabalhar a infância para (re)construir a pátria, 1900-1940. In SCHREINER, D; PERREIRA, I; AREND, S. (Org) *Infâncias Brasileiras: experiências e discursos*. Cascavel: Ed UNIOESTE, 2009.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In. *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SAMARA, Eni de Mesquita. O Que Mudou na Família Brasileira da colônia à atualidade. *Psicologia USP*. vol.13, n.2, pp. 27-48, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642000200004

Acesso em 25 jan. 2013

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WADSWORTH, James E. Moncorvo Filho e o problema da infância: modelos institucionais e ideológicos da assistência à infância no Brasil. *Revista Brasileira de História*. Vol. 19, n. 37, São Paulo, 1999.